

A photograph of a sunset over a lake. The sun is low on the horizon, creating a bright, golden reflection on the water. Two people are sitting on a wooden bench on a rocky shore, looking towards the water. Bare tree branches are visible in the foreground and background, framing the scene. The overall mood is serene and contemplative.

ASSIMETRIA
LISA HALLIDAY

VENCEDORA PRÉMIO WHITING 2017

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 2018 by Lisa Halliday

Título: Assimetria
Título original: *Asymmetry* (2018)
Autora: Lisa Halliday
Tradução: Inês Dias
Revisão de texto: Ana Cardoso Pires
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, outubro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-884-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 447232/18

Lisa Halliday

Assimetria

Tradução de
Inês Dias

Ficções

A chuva inundava as passarelas e encharcava-lhe os pés. Os táxis, que espalhavam um jato de água ao longo da Amsterdam Avenue, pareciam andar muito mais depressa do que costumavam fazer quando o tempo estava seco. Enquanto o porteiro dele arranjava espaço para ela, colocando-se numa posição cruciforme, Alice entrou resolutamente: com passos largos, a suspirar e a sacudir o chapéu de chuva. O elevador estava revestido, de cima a baixo, com cobre ondulado. Ou os andares que percorria eram muito altos ou o elevador subia muito devagar, pois Alice teve tempo para observar os seus reflexos infinitamente destorcidos e preocupar-se bastante com o que iria acontecer de seguida.

Quando as portas do elevador se abriram, surgiu um corredor com mais seis portas cinzentas. Alice estava prestes a bater à primeira que viu, quando outra porta, do lado oposto do elevador, se entreabriu ligeiramente, deixando passar uma mão com um copo.

Alice aceitou o copo, que estava cheio de água.

A porta fechou-se.

Alice bebeu um gole de água.

Quando a porta se abriu de novo, pareceu escancarar-se sozinha. Alice hesitou, antes de levar a sua água por um pequeno corredor que terminava num quarto luminoso que continha, entre outras coisas, um estirador e uma cama invulgarmente grande.

“Mostre-me a sua mala”, disse ele atrás dela.

Ela mostrou-a.

“Agora abra-a, se faz favor. Por questões de segurança.”

Alice pousou a mala na mesinha de vidro entre eles e abriu-a. Tirou a carteira: uma carteira de homem em couro castanho, já muito gasta e rasgada. Uma raspadinha, comprada por um dólar e com o mesmo valor. Um batom para o cíeiro. Um pente. Um porta-chaves. Um travessão para o cabelo. Uma lapiseira. Algumas moedas soltas e, por fim, três tampões, que ela mostrou na palma da mão como se fossem balas. Cotão. Sujidade.

“Não tem telemóvel?”

“Deixei-o em casa.”

Ele pegou na carteira e tocou numa costura que estava a desfazer-se. “Que vergonha, Alice.”

“Eu sei.”

Ele abriu a carteira dela e tirou o cartão de débito, o cartão de crédito, um cheque-oferta já expirado do Dunkin’ Donuts, a carta de condução, o cartão da universidade, e vinte e três dólares em notas. Pegou num dos cartões: “*Mary-Alice.*” Alice franziu o nariz.

“Não gosta do Mary.”

“Não me diga que gosta.”

Por instantes, ele alternou o olhar entre ela e o cartão, como se tentasse decidir que versão dela é que preferia. Depois acenou com a cabeça, juntou os cartões, colocou à volta deles e das notas um elástico que foi buscar à secretária, e voltou a guardar tudo na mala. Quanto à carteira, atirou-a para um cesto de papéis em rede, já revestido com um cone branco de páginas impressas que tinham sido deitadas fora. Ao vê-las, pareceu irritar-se brevemente.

“Então, *Mary-Alice...*” Sentou-se, fazendo-lhe sinal para fazer o mesmo. O assento da sua poltrona era de couro preto e rente ao chão, como se fosse de um *Porsche*. “Que mais posso fazer por si?”

Alice olhou à sua volta. No estirador, um novo manuscrito esperava que o escritor se ocupasse dele. A seguir ao estirador, duas portas de correr em vidro davam acesso a uma pequena varanda protegida da chuva pela do andar de cima. Atrás de Alice, a enorme cama estava feita com tanto esmero que parecia inacessível.

“Quer ir lá fora?”

“Pode ser.”

“Nenhum atira o outro da varanda. Combinado?”

Alice sorriu e, ainda sentada a um metro e meio dele, estendeu-lhe a mão. O escritor baixou os olhos para a observar durante uns longos e hesitantes momentos, como se na palma dela estivessem enumerados os prós e os contras de cada aperto de mão que ele já dera.

“Pensando melhor”, disse então, “Venha cá.”

A pele dele era fria e enrugada.

Os lábios eram macios — mas depois havia os dentes.

No escritório de Alice, havia pelo menos três certificados do National Book Award com o nome dele, emoldurados na parede do átrio.

Na segunda visita, quando ela bateu à porta, decorreram vários segundos sem que ninguém respondesse.

“Sou eu”, disse Alice para a porta.

A porta entreabriu-se ligeiramente, deixando passar uma mão com uma caixa.

Alice pegou na caixa.

A porta fechou-se.

Lincoln Stationers, lia-se na caixa, em letras elegantemente estampadas a dourado. No interior, sob uma folha de papel de seda branco, estava uma carteira cor de vinho com um porta-moedas e um fecho metálico.

“Meu Deus!”, disse Alice. “Que linda. Obrigada.”

“Por fauor! Não tem de quê”, disse a porta.

Uma vez mais, recebeu um copo de água.

Uma vez mais, fizeram o que tinham a fazer sem desarrumar a cama.

Ele colocou uma mão sobre cada um dos peitos dela, por cima da camisola, como se quisesse calar Alice.

“Este é maior.”

“Oh”, disse ela, baixando os olhos com ar infeliz.

“Não, não; não é uma imperfeição. Não há ninguém que tenha um par absolutamente igual.”

“São como os flocos de neve?”, sugeriu Alice.

“São como os flocos de neve”, concordou ele.

Ele tinha uma cicatriz cor-de-rosa, semelhante a um fecho, da barriga até ao esterno. Outra atravessava-lhe a perna, da virilha até ao tornozelo. Outras duas formavam um ténue acento circunflexo acima da bacia. E isto só na frente.

“Quem é que te fez isso?”

“O Norman Mailer.”

Enquanto ela voltava a vestir os *collants*, ele levantou-se para acender a televisão no jogo dos Yankees. “Ooh, adoro basebol”, disse Alice.

“A sério? Que equipa?”

“Os Red Sox. Quando era pequena, a minha avó costumava levar-me todos os anos a Fenway.”

“Ainda está viva, a tua avó?”

“Sim. Queres o número de telefone dela? Devem ter mais ou menos a mesma idade.”

“Ainda é demasiado cedo na nossa relação para troçares de mim, Mary-Alice.”

“Eu sei”, riu-se Alice. “Desculpa.”

Viram Jason Giambi bater uma bola decisiva para o lado esquerdo do campo.

“Oh!”, disse o escritor, levantando-se. “Quase me esquecia. Comprei-te uma bolacha.”

Quando estavam sentados à frente um do outro, na sua mesinha de jantar de vidro ou ela na cama e ele na poltrona, ela reparara que a cabeça dele tremia muito ligeiramente, de lado, como se acompanhasse a pulsação.

E tinha feito três operações à coluna, o que significa que havia certas coisas que podiam fazer e outras que não podiam. Ou não deviam.

“Não quero que te magoes”, dizia Alice, de testa franzida.

“É demasiado tarde para isso.”

Tinham começado a usar a cama. O colchão era feito de um material ortopédico especial que a fazia sentir como se estivesse a afundar-se lentamente num pedaço gigante de caramelo mole. Quando virava a cabeça para o lado, conseguia ver, através das janelas de pé alto, a silhueta do centro da cidade, com o seu aspeto compacto e solene sob a chuva.

“Ó... meu... Deus! O que estás a fazer? Sabes... o que... estás a fazer?”

Pouco depois, enquanto ela comia mais uma bolacha de chocolate:

“Quem é que te ensinou aquilo, Mary-Alice? Com quem é que tens andado?”

“Com ninguém”, disse ela, tirando uma migalha do colo e comendo-a. “Limito-me a imaginar o que seria agradável e faço-o.”

“Bem, tens uma grande imaginação.”

Ele chamava-lhe sereia. Ela não sabia porquê.

Ao lado do teclado estava uma folha branca, dobrada ao meio e pousada como uma tenda, em que ele escrevera:

Durante muito tempo somos um recipiente vazio, depois cresce qualquer coisa que não desejamos, invade-nos qualquer coisa que na verdade não somos capazes de fazer. O Deus do Acaso cria em nós. [...] As realizações em arte exigem muita paciência.

E por baixo disso:

Creio que um artista não é mais do que uma memória poderosa que se pode movimentar obliquamente através de certas experiências...

Quando ela abriu o frigorífico, a medalha de ouro que ele recebera da Casa Branca e que estava atada ao puxador chocou ruidosamente contra a porta. Alice regressou à cama.

“Querida”, disse ele. “Não consigo usar preservativos. Ninguém consegue.”

“Está bem.”

“E o que vamos fazer em relação a doenças?”

“Bem, confio em ti, se tu...”

“Não devias confiar em ninguém. E se ficares grávida?”

“Oh, não te preocupes com isso. Fazia um aborto.”

Mais tarde, quando ela estava a lavar-se na casa de banho, ele deu-lhe um copo de vinho branco.

As bolachas de chocolate chamavam-se *blackout cookies* e vinham da Columbus Bakery, pela qual ele passava todos os dias no seu passeio diário. Ele tentava evitá-las. Também não bebia; o álcool interagia com um dos medicamentos que tomava. Mas comprava garrafas de Sancerre ou de Pouilly-Fuissé para Alice e, depois de lhe servir o que ela queria, voltava a tapar a garrafa com a rolha e deixava-a no chão, junto à porta, para que ela a levasse para casa.

Uma noite, depois de algumas dentadas na sua bolacha de chocolate, Alice bebeu um gole e fez uma careta educada.

“O que foi?”

“Peço desculpa”, disse ela. “Não quero parecer ingrata. É só que as duas coisas não combinam, percebes?”

Ele refletiu brevemente, depois levantou-se e foi à cozinha buscar um copo e uma garrafa de *Knob Creek*.

“Experimenta isto.”

Ficou a observá-la avidamente enquanto ela dava outra dentada e depois bebia um gole. O *bourbon* desceu-lhe pela garganta como uma labareda.

Alice tossiu. “É perfeito”, disse.

Outros presentes:

Um relógio analógico, extremamente sensível e à prova de água.

Perfume *Allure*, da *Chanel*.

Uma folha com selos de trinta e dois cêntimos, da série “Lendas da Música Americana”, em homenagem a Harold Arlen, Johnny Mercer, Dorothy Fields e Hoagy Carmichael.

Uma capa do *New York Post* de março de 1992, com a manchete “Ato Sexual Estranho na Área de Aquecimento (Última Edição)”.

*

Na oitava visita, enquanto faziam uma das coisas que o escritor não devia fazer, ele disse:

“Amo-te. Amo-te por causa disto.”

Depois, enquanto ela estava sentada à mesa a comer a sua bolacha de chocolate, ele ficou calado a observá-la.

Na manhã seguinte:

NÚMERO PRIVADO.

“Só queria dizer que deve ter sido estranho ouvires aquelas minhas palavras; deves ter ficado abalada — e não de abalada, espero. O que quero dizer é que aquilo fazia sentido naquele momento, mas não significa que nada deva mudar entre nós. Pelo contrário, não quero que nada mude. Tu fazes o que quiseres e eu faço o que eu quiser.”

“Claro.”

“Linda menina.”

Quando Alice desligou, estava a sorrir.

Mas depois pensou mais um pouco sobre o assunto e franziu a testa.

Estava a ler as instruções que vinham com o relógio, quando o pai lhe telefonou para a informar, pela segunda vez nessa semana, de que nenhum judeu tinha ido trabalhar nas torres no dia em que estas caíram. Mas o escritor não lhe voltou a telefonar durante muitos dias. Alice dormia com o telefone ao lado da almofada e, quando não estava deitada, levava-o consigo para todo o lado — para a cozinha, quando ia buscar uma bebida, para a casa de banho, quando precisava de lá ir. O assento da sanita também continuava a enlouquecê-la, deslizando sempre que se sentava.

Pensou em regressar ao banco deles no parque, mas em vez disso optou por dar um passeio. Era o fim de semana do Memorial Day e a Broadway estava fechada para uma feira de rua. Por volta das onze, já o bairro estava crepitante e fumarento, com o ar saturado de falá-fel, *fajitas*, batatas fritas, sandes de carne picada, milho verde cozido, salsichas com funcho, farturas, e massa frita com o diâmetro de um *frisbee*. Limonada fresca. Exames gratuitos à coluna. Preparação de documentos legais da We The People — Divórcio por 399 dólares,

Falência por 199 dólares. Numa das bancas que vendia roupa sem marca de estilo boémio, havia um bonito vestido de verão cor de papoula. O vendedor indiano tirou-o para Alice o experimentar na parte de trás da sua carrinha, onde um pastor-alemão de olhos lacrimajantes a observava com a cabeça deitada sobre as patas.

Nessa noite, quando Alice já estava de pijama:

NÚMERO PRIVADO.

“Está?”

“Olá, Mary-Alice. Viste o jogo?”

“Qual jogo?”

“O jogo entre os Red Sox e os Yankees. Os Yankees ganharam por 14-5.”

“Não tenho televisão. Quem lançou?”

“Quem lançou... Todos lançaram. Até a tua avó lançou nalgumas entradas. O que estás a fazer?”

“Nada.”

“Queres vir cá a casa?”

Alice tirou o pijama e pôs o vestido novo. Já havia uma linha que precisava de ser cortada.

Quando chegou ao apartamento dele, só o candeeiro da mesinha de cabeceira é que estava aceso e ele instalara-se na cama, com um livro e um copo de leite de soja com chocolate.

“Chegou a primavera!”, gritou Alice, despiando o vestido.

“Chegou a primavera”, disse ele, suspirando com um ar exausto.

Alice rastejou até ele sobre o edredão imaculadamente branco, como se fosse um lince. “Mary-Alice, às vezes parece mesmo que tens dezasseis anos.”

“Podias ser meu predador.”

“Podia ser teu abutre.”

Às vezes parecia que jogavam ao Operação — como se o nariz dele fosse piscar e o alarme disparar, caso ela não conseguisse extrair cuidadosamente o seu Osso da Sorte.

“Oh, Mary-Alice. És doida, sabias? És doida e compreendes e amo-te por isso.”

Alice sorriu.

Quando chegou a casa, só tinha passado uma hora e quarenta minutos desde que ele telefonara, e estava tudo exatamente como ela

deixara, mas o quarto parecia-lhe agora demasiado luminoso e estranho, como se pertencesse a outra pessoa.

NÚMERO PRIVADO.

NÚMERO PRIVADO.

NÚMERO PRIVADO.

Ele deixou-lhe uma mensagem.

“Qual de nós tem mais prazer em desencaminhar o outro?”

Outra mensagem:

“Cheira-me a sereia...”

NÚMERO PRIVADO.

“Mary-Alice?”

“Sim?”

“És tu?”

“Sim.”

“Como estás?”

“Bem.”

“O que estás a fazer?”

“A ler.”

“O que estás a ler?”

“Oh, nada de interessante.”

“Tens ar condicionado?”

“Não.”

“Deves estar com calor.”

“Estou.”

“E a temperatura vai subir ainda mais neste fim de semana.”

“Eu sei.”

“O que vais fazer?”

“Não sei. Provavelmente vou derreter.”

“Vou regressar à cidade no sábado. Queres ir ter comigo nesse dia?”

“Sim.”

“Por volta das seis?”

“Está bem.”

“Desculpa. Seis e meia?”

“OK.”

“Se calhar até te posso oferecer qualquer coisa para jantar.”

“Isso era simpático.”

Ele esqueceu-se do jantar, ou decidiu que não valia a pena. Em vez disso, quando ela chegou, sentou-a na beira da cama e ofereceu-lhe dois sacos grandes da Barnes & Noble, cheios até cima de livros. *As Aventuras de Huckleberry Finn. Terna É a Noite. Viagem ao Fim da Noite. Diário de Um Ladrão. A Gente de July. Trópico de Câncer. O Castelo de Axel. O Jardim do Éden. A Brincadeira. O Amante. A Morte em Veneza e Outras Histórias. O Primeiro Amor e Outras Histórias. Inimigos, Uma História de Amor...* Alice pegou num deles, escrito por um autor cujo nome já tinha visto, mas nunca ouvido. “Ooh, Camus!”, disse, pronunciando mal e fazendo-o rir com “Seamus”. Seguiu-se um longo momento em que o escritor não disse nada, enquanto Alice lia a contracapa de *O Primeiro Homem*. Quando levantou os olhos, ele ainda tinha uma expressão delicadamente surpresa.

“É Ca-MU, querida. Ele é francês. Ca-MU.”

O apartamento de Alice ficava no último andar de um velho prédio em tijolo, que apanhava sol e acumulava o calor. O andar só tinha mais uma inquilina, uma senhora idosa chamada Anna, para quem subir os quatro íngremes lanços de escadas era um martírio. Passo, pausa. Passo, pausa. Uma vez, Alice passou por ela para ir comprar *bagels* à H&H e, quando regressou, a pobrezinha ainda estava a subir as escadas. A julgar pelos sacos de compras que Anna levava, parecia que comia bolas de bólingue ao pequeno-almoço.

“Anna, quer ajuda?”

“Oh, não, minha querida. Já faço isto há cinquenta anos. É o que me mantém viva.”

Passo, pausa.

“Tem a certeza?”

“Oh, sim. Que rapariga tão bonita. Diga-me. Tem namorado?”

“De momento, não.”

“Bem, não espere demasiado, minha querida.”

“Não vou esperar”, riu-se Alice, enquanto subia as escadas a correr.

“Capitana!”

O porteiro dele passara a cumprimentá-la amigavelmente. Telefonou ao escritor para este descer e despediu-se deles quando saíram para passear. Balançando um saco com ameixas da Zingone, o escritor perguntou a Alice se tinha ouvido falar do plano da Câmara para dar o nome de jogadores de basebol famosos a alguns dos seus edifícios de luxo: *O Posada, O Rivera, O Soriano. “O Garciaparra”*, disse Alice. “Não, não”, disse ele, interrompendo-a com seriedade. “Apenas jogadores dos Yankees.” Entraram no pequeno parque atrás do Museu de História Natural, onde Alice, enquanto comia uma das ameixas, fingiu que estava a gravar o nome dele por baixo do de Joseph Stiglitz no monumento aos Laureados Americanos com o Nobel. Mas normalmente ficavam por casa. Ele lia-lhe o que tinha escrito. Ela perguntava-lhe, por exemplo, como se soletrava “sesso”. Viam basebol e, aos fins de semana à tarde, ouviam Jonathan Schwartz desvanecer-se com Tierney Sutton e Nancy LaMott. “Come Rain or Come Shine”. “Just You, Just Me”. Ou Doris Day cantar melancolicamente “The Party’s Over”. Numa dessas tardes, Alice começou a rir-se e disse: “Este tipo é mesmo bajoujo.”

“Bajoujo”, repetiu o escritor, enquanto comia uma nectarina. “Que bela palavra antiquada.”

“Acho que se pode dizer”, comentou Alice, enquanto procurava as cuecas no chão, “que eu sou uma bela rapariga antiquada.”

“*The party’s over...*”, cantarolava ele quando queria que ela se fosse embora. “*It’s time to call it a d-a-a-a-y...*”

Depois, percorrendo alegremente a divisão, desligava o telefone, o faxe, as luzes, servia um copo de leite de soja com chocolate para si, e preparava um montinho de comprimidos. “Quanto mais velhos ficamos”, explicava, “mais coisas temos de fazer antes de nos deitarmos. Eu já tenho uma centena delas.”

The party’s over, a festa acabava. O ar condicionado acabava. Alice vacilava um pouco, dirigindo-se para casa no meio do calor, com a barriga cheia de *bourbon* e chocolate, e com a roupa interior no

bolso. Depois de subir os quatro andares cada vez mais escaldantes até ao seu apartamento, fazia apenas uma coisa, que era levar as suas almofadas pelo corredor até à divisão da frente, onde no chão, junto à escada de incêndio, havia pelo menos a possibilidade de uma brisa.

“Ouve, querida. Vou estar fora durante algum tempo.”

Alice pousou a sua bolacha de chocolate e limpou a boca.

“Vou passar uns tempos no campo. Tenho de terminar esta primeira versão do livro.”

“OK.”

“Mas isso não significa que não possamos falar. Conversaremos com regularidade e depois, quando eu tiver terminado, podemos voltar a encontrar-nos. Caso queiras. Está bem?”

Alice assentiu com a cabeça. “Está bem.”

“Entretanto...” Ele estendeu-lhe um envelope sobre a mesa. “É para ti.”

Alice pegou nele — na frente lia-se *Bridgethampton National Bank*, ao lado de um logotipo com uma regata à vela — e tirou seis notas de cem dólares.

“Para um ar condicionado.”

Alice abanou a cabeça. “Não posso...”

“Claro que podes. Eu ficava muito contente.”

Ainda não escurecera, quando ela regressou a casa. O céu parecia estagnado — como se fosse esperada uma trovoadas, mas esta se tivesse perdido. Os jovens que bebiam nas esplanadas estavam ainda a começar a sua noite. Alice aproximava-se devagar e relutantemente do seu prédio, com uma das mãos pousada sobre o envelope que guardara na mala, a tentar decidir o que fazer. Sentia uma impressão no estômago, como se ainda estivesse dentro do elevador dele e alguém tivesse cortado os cabos de suspensão.

A um quarteirão para norte havia um restaurante com um longo balcão de madeira e uma clientela de aspeto bastante civilizado. Alice escolheu um banco ao fundo, em frente do suporte para guardanapos, e sentou-se como se estivesse ali sobretudo para ver televisão no aparelho embutido ao cimo de uma parede, num dos cantos. Os New York Yankees ganhavam 4-0 aos Kansas City Royals no final da terceira entrada.

Força, Royals, pensou.

O empregado do bar pousou um guardanapo em frente dela e perguntou-lhe o que queria tomar. Alice examinou a lista de vinhos afixada na parede.

“Quero um copo de...”

“Leite?”

“Pensando melhor, têm *Knob Creek*?”

A conta dela foi de vinte e quatro dólares. Ainda pousou no balcão o seu cartão de crédito, antes de o guardar novamente e, em vez disso, tirar uma das notas do escritor. O empregado regressou com três notas de vinte, uma de dez e seis de um.

“Isto é para si”, disse Alice, empurrando as notas de um dólar na direção dele.

Os Yankees ganharam.